

Capoeiras e "valientes": construção de territórios em Itabuna nos anos 1950

Gissele Raline da Cunha Fernandes Moura*

Resumo: Em meio ao contexto da remodelação urbana em Itabuna na década de 1950 é possível identificar uma relação intrínseca entre capoeiras e “valientes”. O termo “valientes” era utilizado pelos periódicos da época para se referirem aos brigões de rua, que estavam cotidianamente envolvidos em contendas e estabelecendo relações de constante conflito com a ordem vigente. Os capoeiras, com comportamento similar, dado ao exibicionismo, atuavam também nas ruas. Esses sujeitos históricos, em sua maioria, compunham a camada social mais pobre, sendo trabalhadores de variados setores da sociedade, e em geral moradores do subúrbio. Faziam das ruas, um espaço de sociabilidade, um local de trabalho, de lazer e de acertos de contas. As relações sociais advindas desse espaço público têm como característica fundamental a variedade de uso que se faz dele. O trabalhador do dia é o mesmo do lazer da noite, o arrimo de família pode ser o mesmo “arruaceiro” bêbado das sombras da cidade após as dezoito horas. O mendigo ou “vadio”, tem nas ruas um lugar de moradia e sobrevivência. Assim, o que para uns não passa de um lugar comum, para outros são a sua própria casa. É a partir dessas experiências que procuro discutir as formas de construções de territórios implementadas por esses grupos sociais.

Palavras-chaves: valientes, capoeiras, Itabuna.

Abstract: Amidst the context of urban renovation in Itabuna in the 1950s it is possible to identify an intrinsic relationship between barns and "valiente". The term "valiente" was used by the regular season to refer to brigões street, who were continuously involved in disputes and establishing relations of constant conflict with the order. The barns, with similar behavior, given to exhibitionism, also worked on the streets. These historical subjects, most of them, composed the poorest social layers, and workers in various sectors of society, in general residents of the suburb. Were the streets, a space of sociability, a place of work, leisure and adjustments of accounts. Social relations have caused the public space as a fundamental characteristic variety of use made of it. The worker's day is the same pleasure of the night, the breadwinner can be the same "punk" drunk of the shadows of the city after eighteen hours. The beggar or "loafer," has a place in the streets of housing and livelihoods. So what for some is a common place for others are their own home. It is from these experiments that try to discuss ways of building in areas implemented by these groups.

Keywords: Valiente, barns, Itabuna.

Em vinte e sete de abril de um mil e novecentos e cinquenta e quatro o Voz de Itabuna noticiava:

Pelas reclamações que temos recebido ultimamente, as imediações da estação da estrada de ferro, tem sido palco de algum tempo para cá, de fatos abomináveis (...) De ordinário após armarem barulho e sobressaltarem as famílias, os ‘valientes’ deixam o local sem maiores preocupações, pois as contendas que travam se realizam sem precalços, uma vez que raramente aparecem policiais para repararem os acontecimentos (*Voz de Itabuna*, 27/04/1954)¹.

* Discente do mestrado em história do PPGH/UFBA. E-mail: gissele_raline@yahoo.com.br.

¹ Arquivo Público Municipal de Itabuna – José Dantas (APMIJD).

A notícia acima é mais um dos vários reclames encontrados acerca dos *valientes*. Encontrar tal personagem assim referido: “valientes”, provoca indagações a respeito desta categorização. Quem seriam os “valientes”? Por que indivíduos eram assim designados nos idos dos anos 1950. Quais os elementos que estavam implícitos ao discurso enunciado no jornal? Quais eram os lugares que freqüentavam?

Os *valientes* eram sujeitos históricos que permeavam as matérias dos jornais da década de 1950 como indivíduos de má conduta e promotores de desordens que, quando não estavam nas páginas policiais, estavam nas crônicas sendo alvo de duras críticas e acusações.

Segundo o *Voz de Itabuna*, nessa década a violência era algo muito presente no cotidiano da cidade, sendo alvo de indignação e denúncia expressada nos artigos desse jornal e por vezes associada aos problemas de ordem estrutural, “... a partir das 18 horas as ruas dos subúrbios transformam-se em zonas perigosas, onde só os bêbados e os meliantes têm passagem franca” (*Voz de Itabuna*, 25/05/1951) e, “saindo-se do centro, onde nunca falta iluminação, entra-se no restante da zona urbana onde o silêncio e a treva fazem denotar ameaças de bombardeiro...” (*Voz de Itabuna*, 07/10/1950).

A respeito da matéria que se refere aos subúrbios enquanto zonas perigosas a partir das dezoito horas, havendo espaço apenas para os “meliantes” – essa designação, meliante chama atenção, posto que é um dos termos da linguagem policial recorrente na documentação onde é atribuído à pessoas de má conduta, que está em desacordo com a ordem estabelecida. Isso ocorria porque esses lugares tinham a iluminação precária o que facilitaria a ação desses indivíduos. Notícias como estas precisam ser problematizadas.

O *Voz de Itabuna*, no decorrer dos anos de 1950, pertencia à oposição em relação aos partidos que estiveram no comando da máquina administrativa. Logo é possível perceber uma crítica à administração local, que perpassou muito por questões ligadas ao beneficiamento de determinadas áreas da cidade em detrimento de outras. Centro e o subúrbio eram pauta cotidiana das páginas desse periódico. E segundo essas notícias havia um privilegiamento do centro da cidade. Talvez, seja porque o discurso modernizador tenha chegado à Itabuna, ou pelo menos a seus jornais. Já que a vontade de modernização pela qual a cidade estava passando naquele momento, respaldava as reivindicações encontradas naquelas páginas.

Voltando à notícia, fica mais fácil de compreender o teor e o tom, dessa matéria, quando leva-se em consideração que o *Voz de Itabuna*, além de ser um jornal da oposição, como já referido acima, tinha como proprietário Aziz Maron, deputado federal pelo Partido Trabalhista do Brasil (PTB), que cedia um espaço privilegiado em seu jornal para as

campanhas eleitorais de Getúlio Vargas. Este, por sua vez, estava empenhado no processo de industrialização do Brasil, que fazia parte de um projeto maior, o de contemplação do discurso modernizador iniciado nos primeiros anos do século XX, que posteriormente foi muito criticado pela historiografia (FERREIRA, 2006).

Em meio a esse contexto, Itabuna aparecia nas páginas dos jornais destacando os problemas com a violência, de forma, inclusive sangrenta. Retomando o início dos anos de 1950, encontra-se um alerta sobre o comércio de armas em Itabuna, que estava acontecendo sob os auspícios da polícia, os “elementos de farda”.

Está merecendo a atenção do sr. Chefe de polícia (...), vendem-se revolvers, punhais e ‘peixeiras’ às escancaradas, parecendo que aqui se aí transformar num num pavoroso ‘far-west’ (...). Consta até que elementos de farda são grandes negociantes de armas. E com tanta arma perigosa, todo mundo armado, não é e admirar que matem em praça pública.” (*Voz de Itabuna*, 25/03/1950)

A impressão era que a cidade, naquele momento, estava prestes a entrar em guerra. E nesta guerra, diversos grupos foram alvos da pecha de violentos, e quando o cenário político era o das eleições, as formas dos preparativos para um momento de singular importância como este, eram descritas em tons de preocupação e revolta e denunciava o envolvimento das elites nesse processo:

a situação política de Itabuna já começou agitar-se profundamente. Preparativos de toda especie estão sendo feitas. Até preparativos bélicos. Consoante certas informações de fontes credenciadas, gente escolhida e braba está decendo do Pernambuco e Alagoas, para engrossar de conhecidíssimos capitães do cangaço local ... *Voz de Itabuna*, 25/03/1950

Nessa matéria, o foco é dado à violência praticada em Itabuna, pelos “capitães do cangaço”. Sendo a alusão aos jagunços ou capangas, trabalhadores dos fazendeiros da região, cuja função principal seria matar aqueles considerados inimigos ou os desafetos de seus patrões. Esses personagens são muito recorrente na literatura local, Maria Delile Miranda Oliveira, memorialista da região, em sua obra *Tecendo Lembranças*, contribuiu com essa discussão registrando a ação desses indivíduos, a exemplo das eleições da cidade afirmando que “(...) quando o chefe necessita de algum ‘serviço’, os ‘capangas’ eram solicitados (...) a tocaia ainda permeava todas as vinganças” (OLIVEIRA; 2006).

Sob a alcunha de capanga, apresento neste momento Elpídio Santos, vulgarmente conhecido por Sururu. Segundo Cláudia Viana D'Andrade, em *Capoeira: de luta de negro a exercício de branco* (Via Literarum, 2006), Sururu havia sido “capanga”, ele era “querido, foi

empregado da família Barreto. Seus amigos o denominavam de ‘capanga’, já que nessa década, existiam os coronéis de cacau e, Sururu, era uma espécie de guarda-costas” (D’ANDRADE,2006:71).

Sururu também era capoeirista e “viveu intensamente a capoeira”, e ainda hoje “é o mais lembrado dos angoleiros”. Em depoimento concedido pelo filho de Sururu à autora, ele revela que o pai nutria “uma verdadeira paixão pela arte da capoeiragem. Muito forte, valente, desafiava qualquer um para carregar uma saca de cacau com tanta facilidade”. A valentia e o desafio eram traços característicos de um capoeira. Sururu aprendeu a jogar capoeira com alguém que se chamava Teodoro Ramos, também conhecido por Paizinho. Era forte e temido, sua atuação nas ruas de Itabuna teve seu auge nas décadas de 1940 e 1950, era visto com frequência no bairro da Conceição, subúrbio da cidade(D’ANDRADE,2006).

As ruas eram o palco principal da atuação desses *valientes*, eles precisavam ser conhecidos e reconhecidos. O espaço público, assim, configurava um ambiente propício para sua demonstração de poder e por vezes transformou-se em privado por conta da atuação destes *valientes*. Eles eram os valentões donos da rua.

A rua tinha uma expressão maior para alguns sujeitos históricos que dela viviam. Ela se configura enquanto um espaço de sociabilidade. Um local de trabalho, de lazer e de acertos de contas. As relações sociais advindas desse espaço público têm como característica fundamental a variedade de uso que se faz dele. O trabalhador do dia é o mesmo do lazer da noite, o arrimo de família pode ser o mesmo “arruaceiro” bêbado das sombras da cidade após as dezoito horas. O mendigo ou “vadio”, tem nas ruas um lugar de moradia e sobrevivência, as prostitutas tem nas esquinas um trabalho que lhe rende o pão de cada dia. Assim, o que para uns não passa de um lugar comum, para outros são a sua própria casa, o caminho que a vida lhe oferece.

Para Josivaldo Pires de Oliveira, em sua obra *No tempo dos Valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*, uma das características dos capoeiras, é a valentia, a ostentação de seus atributos – principalmente os físicos – por meio da força ou de ameaças, sempre exaltando seu domínio sobre aquela área e/ou situação. Ainda em sua obra, Oliveira cita Manuel Querino onde este descreve que o capoeira é, “em geral, pernóstico, excessivamente loquaz, (...) typo completo e acabado do capadócio”, e Oliveira continua um “notório tipo de rua, que inclusive determinava regras para a mesma. Era ele um tipo de ‘dono’ das ruas ou pelo menos dos territórios sociais que se constituíam nessas ruas”(OLIVEIRA, 2005:36).

Em *Negregada Instituição*, de Carlos Eugênio Líbano Soares, os capoeiras também aparecem como um típicos valentões, que se envolvem com brigas tanto com a polícia, quanto

entre eles mesmo, e nesse último caso a disputa dos territórios é algo recorrente, e faz parte das relações entre as maltas de capoeiras. Essas maltas eram grupos que variavam entre 3 a 20 componentes que brigavam entre si por ocupação e defesa de territórios, e em outros momentos enquanto rivais políticas da época, transição da monarquia para república, as mais famosas apoiavam partidos políticos que defendiam a república e a monarquia, entre elas estavam “gauiamus ” e “nagoas”. Essa rivalidade era percebida nas ruas, palco de atuação desses capoeiras, ora em grupo, ora individualmente, ora por questões internas às suas relações, ora por questões políticas partidárias. Esses conflitos tinham ressonância nos jornais e no parlamento, ou vice-versa: “Ao mesmo tempo que capoeiras se digladiavam nas ruas, no parlamento e nos jornais aliados e inimigos(...) terçavam duelos”(SOARES, 199:59).

Segundo os autores, é possível verificar a proximidade dos valentões com os capoeiras. E é a partir da análise das fontes que procuro, na medida do possível, perceber a relação existente entre os *valientes* e os capoeiras da cidade de Itabuna na década de 1950.

No exemplo da Praça da Estação que foi um lugar de destaque em Itabuna naquele período, logo freqüentadora assídua das páginas dos jornais, mais especificamente nas páginas policiais, podemos encontrar indícios dessa relação:

A polícia precisa fiscalizar a zona da estação (...) onde se verifica todas as noites, (...) contravenções e outras espécies de abusos(...) A partir das 9 horas, as imediações do bar que ali funciona, e das diversas barracas instaladas (...), se enche desses indivíduos, que se engalfinham em lutas corporais.(*Voz de Itabuna*, 17/06/1954.)

A esses “indivíduos, que se engalfinham em lutas corporais”, tenho algumas considerações. Eram recorrentes essas contendidas, aconteciam mais ou menos no mesmo horário, ou seja, fazia parte do cotidiano daquele lugar. Esses traços são peculiares aos dos capoeiras da época, que de ordinário se reuniam para praticar seu “brinquedo” – termo utilizado pelos mestres mais antigos de capoeira ao se referir ao jogo (PASTINHA: S/D) - daí estes indivíduos se encaixam ao esteriótipo dos capoeiras, que por hábito freqüentavam bares, bebiam e “brincavam” à porta de botiquins, como cita Waldeloir Rego em sua obra *Capoeira Angola: Ensaio Sócio-etnográfico*:

Havia capoeira, onde havia uma quitanda ou uma venda de cachaça, com um largo bem em frente, propício ao jogo. Aí, aos domingos, feriados e dias santos, ou após o trabalho se reuniam os capoeiras mais famosos, a tagarelarem, beberem e jogarem capoeira. Contou-me Mestre Bimba, que a cachaça era animação e os capoeiras, em pleno jogo, pediam-na aos dons das vendas, através de toque espacial de berimbau, que eles já conheciam.(REGO, S/D: 36)

Este autor é reconhecido por todos que escreveram sobre a capoeira depois dele. Seu trabalho etnográfico é um amplo estudo sobre os costumes dos capoeiras, passando por discussões sobre identidade, e quebrando tabus acerca de uma homogeneização em torno dos hábitos, vestimentas e rituais da capoeira. Ele, problematizou as canções que envolveram e ainda envolvem as rodas de capoeiras, sobre tudo na Bahia. Discorre sobre as variadas formas de compreensão da capoeira desde quem a pratica a quem escreve sobre ela. Teve a oportunidade de conversar com mestres de capoeiras que quebraram paradigmas, que é o caso de Mestre Bimba, Manuel dos Reis Machado, o criador da capoeira regional. Viveu um momento onde esta arte estava sendo transferida do campo criminal para ser um esporte nacional. Assim, é um autor que muito contribuiu e continua contribuindo para os estudos sobre este tema ainda em processo de desvendamento.

A capoeira foi uma prática proibida, que constava no Código Penal de 1890, ela era tida como uma das práticas mais violentas que assolava o Rio de Janeiro desde a escravidão segundo Carlos Eugênio Líbano Soares em sua obra *A Capoeira Escrava: e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Ele conta que aquele que fosse pego exercitando a capoeira era preso e condenado a trezentas chibatadas, ou seja, o mesmo que condenado a morte. Essas são as raízes da capoeira, violenta, perseguida e mal vista.

Apesar dela não constar mais no Código Penal de 1940, ela apenas deixa de ser crime, mas continua sendo marginal. A política nacionalista de Getúlio Vargas, retira do sub mundo da criminalidade práticas oriundas dos negros escravizados, dentro de um discurso populista, ele zela por um Brasil homogêneo, com símbolos próprios, tenta reunir todos os atributos do país em uma identidade nacional (FAUSTO, 2006), com isso procura disciplinarizar, manter sobre controle os ânimos da maioria da população, que era negra.

Voltando um pouco no tempo, no início do século XX, já se pensava na capoeira como um esporte. No Rio de Janeiro, um professor de educação física, argentino que morava no Brasil, sugere que a capoeira poderia ser enquadrada na modalidade de esporte, já que cuidava do corpo de forma exemplar (SOARES, 2004). Aquele era o tempo do culto ao corpo, do estímulo à atividade física. Quem se exercitava não adoecia, estava mais disposto e preparado para o trabalho, e no caso da capoeira podemos pensar que, sendo esta um esporte, estaria sob controle ao invés de ser praticada nas ruas de “qualquer forma”. É o que vai acontecer anos mais tarde, mas não detiveram o controle esperado.

Nos anos de um mil e novecentos e trinta, nas capitais do país, principalmente em Salvador, a capoeira surge com uma nova roupagem. Os mestres de capoeiras, em especial Bimba e Pastinha, versam a capoeira em outra perspectiva, agora a capoeira era cultura e não

pertenciam mais ao mudo dos malandros e vagabundos. Pastinha, em sua obra *Manuscritos de Pastinha*, classificou os capoeiras de outrora de violentos e desordeiros. (PASTINHA, S/D)

Já o Mestre Bimba, enquanto criador de uma modalidade diferente da capoeira, a Capoeira Regional, apesar de argumentar que criou essa nova versão por entender que a Capoeira de Angola era fraca e estava desaparecendo, também a seu modo excluiu aqueles que tinham um comportamento inadequado daquele que julgava correto. Em sua academia, a maioria dos seus alunos fazia parte de uma elite econômica, e as regras eram rígidas, entre elas, a proibição de envolvimento em brigas na rua. A mensalidade excluía os pobres, logo seus iguais. Bimba sofreu duras críticas por conta dessa nova opção, “ (...) na visão de mestre Noronha, Bimba teria ido ao meio dos ricos.”(PIRES,2002)

Esse processo de “culturalização” para Antônio Liberac Cardoso Simões Pires ocorre a partir do momento em que houve uma busca por um “*status* na hierarquia social”, houve uma negação do espaço para aqueles que eram malandros, e malandros neste caso tinha a conotação negativa, tanto para Bimba, quanto para Patinha. A partir daquele momento a capoeira era para trabalhadores e estudantes, sendo divulgada “enquanto símbolo cultural”. (PIRES,2002:39)

A violência, no discurso em prol da capoeira a partir da década de 1940, não tinha mais espaço, Pastinha chega a declarar a respeito daqueles capoeiristas de alguns anos atrás classificando-os de arruaceiros e desordeiros que, “tudo isso é mancha suja na história da capoeira, mas um revólver tem culpa dos crimes que pratica? E a faca? Os canhões? E as bombas?” Mestre Pastinha porém, admite que a violência é algo inerente à própria arte da capoeira: “ o que serve para defesa também serve para o ataque. A capoeira é tão agressiva quanto perigosa” (PIRES,2002:66)

O próprio Mestre Bimba, de certa maneira preservou o esteriótipo de violência dentro da prática da capoeira. Em seus treinamentos rigorosos com “perfil militarista, (...) utilizava os treinamentos de ‘emboscada’, semelhantes aos treinamentos de guerrilhas de mato, realizados nas forças armadas” (PIRES,2002:48). Apesar da inovação no treinamento tornando-o mais ostensivo, mestre Bimba manteve outros aspectos, no tocante aos conflitos, uma das suas recomendações, por exemplo, era:

Meninos não se metam em brigas. Se souberem que numa rua qualquer, está acontecendo alguma, voltem, passem por outra. Mas se no atalho, também houver, sem que haja meios de evitá-la, vão em frente, com segurança. Vocês não podem sair perdendo e voltar para casa pra fazer tratamento na cara. Iodo e arnica custam caro e o pai de vocês não é ladrão para gastar dinheiro à toa. (PIRES,2002:50)

Essa recomendação, a meu ver, é um incentivo ao despertar do valentão. Primeiro por que a palavra de um mestre de capoeira para seus discípulos tem um valor muito grande, assim o segundo ponto desse incentivo é a recomendação explícita para resolver seus problemas exatamente onde eles começaram, ou seja, na rua, e não levar ‘desaforo para casa’.

Sobre a imagem desses indivíduos, era comumente associada a beberões e brigões, assim caracterizados nesta matéria “(...) elementos irresponsáveis, que, além de beberem a mangas largas, armam brigas e pronunciam imoralidades da pior espécie, em vozes altas, que podem ser ouvidas pelas famílias daquela zona” (*Voz de Itabuna*, 27/04/1954). Logo seu comportamento era incompatível e inapropriado para o convívio com as famílias ali residentes, que ao contrário destes, viviam de acordo com a moral e os bons costumes, pelo menos para elas.

Mas esses *valientes* eram defensores de seus territórios, e ao que parece, gostavam, ou pelo menos não se incomodavam, em serem reconhecidos como arruaceiros, brigões, valentões, donos das ruas. E são nas ruas que encontro com eles. É no espaço público, que se dá o desfecho de suas atuações ante uma sociedade dividida entre as riquezas do cacau e os infortúnios dos trabalhadores ou desempregados.

Diante destes acontecimentos, o jornal argumentou outros problemas que corroboravam para a ação indesejável desses indivíduos. Era a precária infra-estrutura que constantemente foi acusada com uma das colaboradoras dos desatinos ocorridos na cidade, entre eles, assaltos e agressões de várias naturezas, principalmente nos subúrbios. Deve-se questionar para quem essas zonas eram perigosas, de que forma esse perigo se apresentava, e por quê? Para Michel de Certeau, “o bairro constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido”(CERTEAU, 1966: 26), sendo assim classificar de violento um indivíduo ou uma situação, perpassa antes de tudo, pelo lugar de onde se está falando. A violência tem várias faces, aparecendo a que convém para quem a denuncia, a questão é analisar a versão que se apresenta considerando o fato de haver outro viés que não pode ser menosprezado.

Sendo assim, voltemos à Sururu. Além de capanga e capoeirista, também “era auxiliar de polícia”(D'ANDRADE, 2006:71), neste tocante, além da obra de Viana, ele encontra-se nas páginas do jornal *Voz de Itabuna*, onde aparece sendo criticado por conta de sua omissão diante de uma atitude criminosa que acontece em um cabaré:

o criminoso, após praticar os crimes acima mencionados, desapareceu, apesar de se encontrarem no cabaré sinistro quatro policiais: os guardas noturnos conhecidos por Borracha e Cornélio, o inspetor de polícia apelidado Sururu e o soldado Julinho. (*Voz de Itabuna*, 06/07/1954).

A trajetória de Sururu continua na obra de Manuel Coelho Brandão, *O Capoeira*, um romance que trata da vida de capoeira de Itabuna. Uma autobiografia, onde o autor adota nomes fictícios para contar sua experiência com a capoeira, e revela que, na sua maior parte, os fatos são reais,(...) cujos personagens, apenas com os nomes substituídos, existem ainda em quase sua totalidade. (BRANDÃO,1979:4)

Sobre Sururu, ele aparece no romance, como um mestre da capoeira angola que coordenava rodas de capoeira ordinariamente na Praça Adami, centro da cidade. Era um capoeirista respeitado na cidade, isso já foi confirmado por Claudia Viana acima, onde convida o Zeca (personagem que representa o Manuel Brandão, ou Maneca, como também é conhecido) para um jogo de capoeira, esse convite é atribuído pela fama de valentão que já corria na cidade a respeito de Zeca capoeira. (BRANDÃO,1979:4)

A trajetória desse personagem é permeada por um comportamento que se assemelha aos *valientes* da cidade de Itabuna divulgado pelos jornais da época. A freqüência na zona do meretrício, as recorrentes brigas, o excesso da bebida alcoólica, e demonstração de força e exibicionismo. Este último sendo confirmado por Cláudia Viana quando ela comenta sobre um outro capoeirista de Itabuna, de nome Alberto Ascênio Fernandes (Alemão), amigo de Maneca Brandão, onde a autora coloca:

Se envolvia com brigas e chegou a ficar preso quinze dias, fato que não se esquece, pois junto com Maneca, sempre se metia em confusão (...). Muito alegre, conta-nos que o que mais gostava no esporte era o fato de poder se exibirem.(D'ANDRADE,2006:76)

No texto de Manuel Brandão também fica claro essa questão do exibicionismo:

Para o Zeca, acostumados a confusões dessa natureza, o ambiente era propício à demonstração de sua arte, da qual era tido como um [il]. A briga veio a calhar, pois precisava mostra a Itabuna quem ele era. E assim foi. Os seus atacantes eram repelidos brutalmente por pernadas violentas e certeiras.(BRANDÃO,1979:95)

Essa confluência de informações é suficiente para confirmar que a capoeiragem em Itabuna estava ligada a algo pernicioso e em detrimento aos bons modos de pessoa trabalhadora e honesta, isso fica retratado na passagem do livro *O Capoeira*, quando o personagem principal, após seus desencontros da vida, arruma um emprego “digno” de um filho de um “respeitável” advogado e coronel, em uma empresa ligada à agricultura: “Na verdade, o rapaz deixara de ser um elemento pernicioso à sociedade, para tornar-se uma célula viva do mecanismo de um trabalho honesto e honrado.”(BRANDÃO,1979:140)

Essa tendência à valentia como forma de ocupação e defesa de espaços, esse apelo à briga como demonstração de força e poder, e o papel da capoeira em meio a este contexto ocupando um lugar pejorativo submetido a um julgamento tendencioso, permite uma brecha para uma avaliação mais cuidadosa sobre quais parâmetros é adotado para o julgamento de atitudes oriundas de indivíduos com esse perfil. Pois, apesar de ter a mesmas características de qualquer um dos *valientes* da cidade, Maneca foi poupado das linhas, não menos agressivas, dos jornais. O fato de pertencer a uma elite econômica permitiu que suas ações estivessem livres dos combates emitidos pelos jornais da época, lhe poupou constrangimentos e execração pública que a outros foram impostos.

Apesar do reconhecimento do autor no que diz respeito à imagem da capoeira – pernóstica – ele permite a interpretação de que converge com esse pensamento, onde a capoeira só tornou-se algo menos danoso a partir do momento que foi instituída pelo Major Da Hora – Major Dórea, dono da primeira academia de capoeira de Itabuna, inaugurada para atender os filhos de coronéis que voltavam de Salvador já conhecedores da arte, talvez até pelo exemplo que tiveram de Maneca, ou seja, já que não posso impedi-los, ao menos tento vigia-los – que o colocou com instrutor de capoeira para seus iguais, socialmente falando.

Esse parâmetro de comportamento, tanto dos jornais, quanto dos *valientes*, ricos ou pobres, deixa claro que Itabuna passava por um momento de remodelação também dos valores, já que bem ou mal a capoeira e alguns de seus *valentões* passam a ser um pouco mais tolerados com o advento da academia. A academia de capoeira tentou domesticar o furor dos jovens ricos e mantê-los longe dos “antros” dos bairros pobres que só ofereciam brigas, bebidas e prostitutas.

Os valientes e capoeiras de Itabuna compartilharam e disputaram espaços e méritos, morreram e sobreviveram a contentas e armadilhas, cercaram-se e eram cercados de mitos e estereótipos que os colocaram na condição de principais fomentadores da violência, mas também foram os responsáveis pela manutenção da ordem da cidade, da sua cidade inclusive fazendo vigorar suas próprias leis.

Referência Bibliográfica

BRANDÃO, Manuel Coelho. **O Capoeira. Itabuna.** 1979.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar.** Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Maiol. Petrópolis, RJ: Vozes, 1966.

D'ANDRADE, Cláudia Viana Ávila. **Capoeira: de luta de negro a exercício de branco.** Itabuna, BA: Via Literatum, 2006.

FAUSTO, Boris. **Getulio Vargas: o poder e o sorriso.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo excludente:** da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **No Tempo dos Valentes:** os capoeiras na cidade da Bahia. Salvador: Quarteto, 2005.

PASTINHA. Manuscritos do mestre pastinha. S/D.

PIRES, A. L. C. S. **Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá: três personagens da capoeira baiana.** Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano Soares. **A Negregada Instituição:** capoeiras na corte do Rio de Janeiro (1850-1890). Rio de Janeiro: ACCESS, 1999.

_____. **A Capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).** São Paulo: Unicamp, 2004.